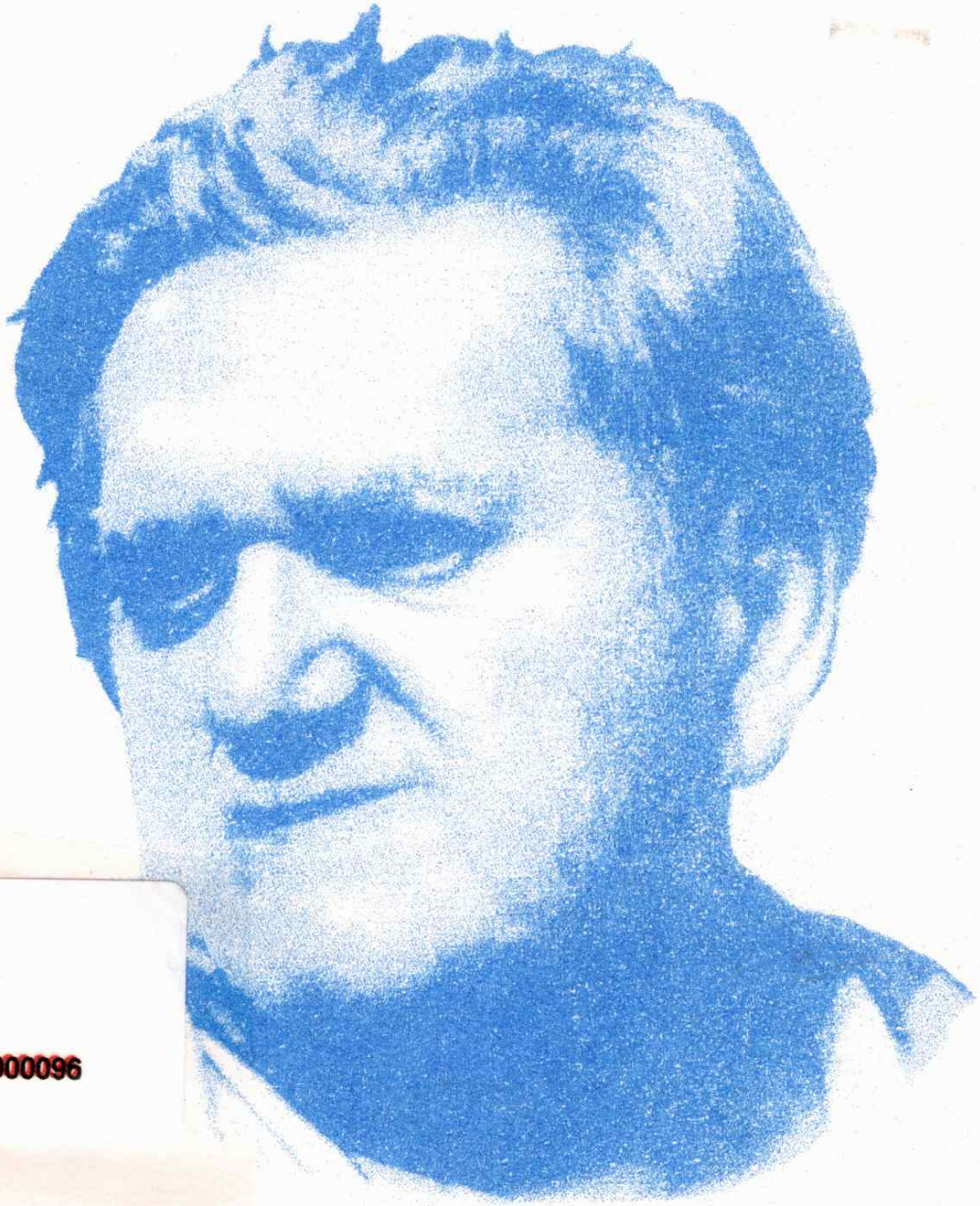
THADEU DE SOUSA BRANDÃO

Câmara Cascudo, um intelectual regional



/C

/ Ex.01 F000096

NATAL/RN, 1998

UFRN

THADEU DE SOUSA BRANDÃO

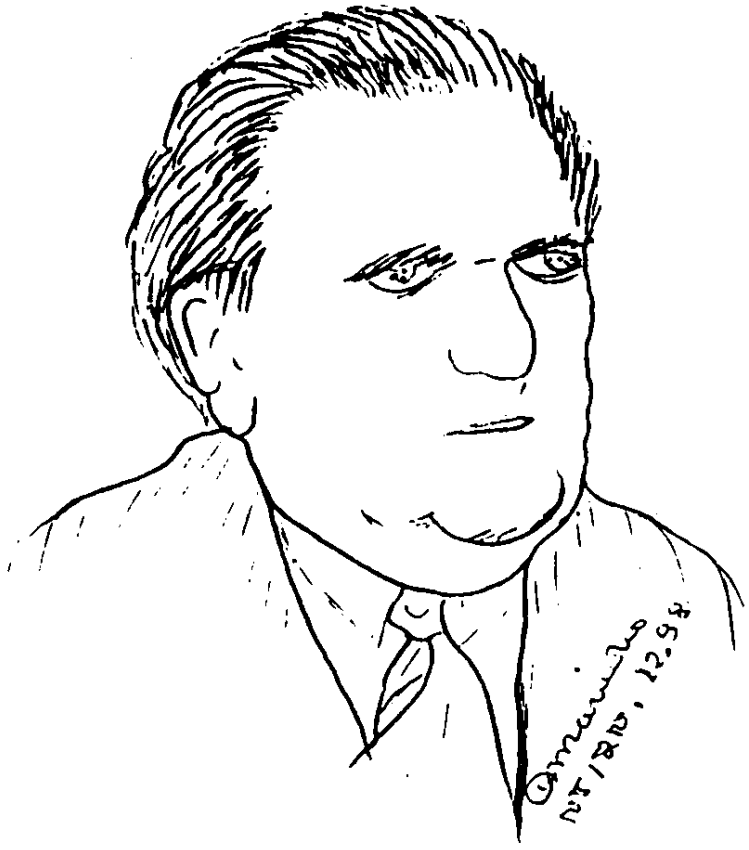
Câmara Cascudo,
um intelectual regional

NATAL/RN, 1998

Departamento de História - CCHLA/UFRN
"II Semana Universitária
LUÍS DA CÂMARA CASCUDO"
Natal, 30.11.1998 - 04.12.1998

RB-17.268
FARN
BIBLIOTECA
Nº Reg. F000096
28/09/04
F
929
B819c
1998
Ex. 01

Natal: Sísifo, 1998



LUÍS DA CÂMARA CASCUDO
30.12.1898 - NATAL/RN - 30.07.1986

"Uma Universidade é uma esc
pesquisas".

[Universidade e Civilização. Discu
Natal: Editora Universitária, 1988. 22p]

Luís da Cá

Prefácio

Luís da Câmara Cascudo, reconhecido como o maior de todos os intelectuais norte-rio-grandenses, nasceu a 30 de dezembro de 1898, na Cidade do Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, onde viveu e faleceu a 30 de julho de 1986.

Câmara Cascudo iniciou a atividade de jornalista, aos 19 anos de idade, no jornal A Imprensa, em 18 de outubro de 1918, com uma crônica sobre as obras de Leal de Souza, na série Bric-à-Brac. Em 1919, surgiu a Cartas do Rio, sobre a vida na Cidade do Rio de Janeiro e, alternando a série Bric-à-Brac com a de Artigos, continuou criando várias séries, como Actas Diurnas, Apostilas, Arabescos, Ensaios de Crítica, Crônica Literária, Folclore do Rio Grande do Norte, Musicalerias, Notas de História, dentre outras. O seu primeiro livro, Alma Patrícia, foi publicado em 1921, na área da Crítica Literária, com um longo prefácio de Rocha Pombo, e logo depois surgiram Joio e Canto de Muro. Na área de História, publicou Histórias que o tempo leva... (da História do Rio Grande do Norte), O Brasão Holandês do Rio Grande do Norte, A intencionalidade do descobrimento do Brasil, História da Cidade do Natal, Os Holandeses no Rio Grande do Norte, História do Rio Grande do Norte, História da República no Rio Grande do Norte, etc. Além do Dicionário do Folclore Brasileiro, que tornou Cascudo o maior folclorista brasileiro, pesquisou nas mais variadas áreas do conhecimento humano, publicando Viajando ao Sertão, Vida de Pedro Velho, Vida Breve de Auta de Souza, Geografia dos Mitos Brasileiros, Anubis e Outros Ensaios, Meleagro, Cinco Livros do Povo, História da Alimentação, Civilização e Cultura, Antologia do Folclore Brasileiro, Lendas Brasileiras,

O Tempo e Eu, etc., deixando inéditos, vários livros como Sísifo (História da Literatura no Rio Grande do Norte), Sertão de Inverno (Contos), Terras d'Antanho (Folclore), Livro Frívolo, Livro dos Patronos, História de Carnaúba, etc.

A partir da década de 40, Câmara Cascudo publicou uma variedade de artigos na Península Ibérica, em diversos órgãos de imprensa: Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, Revista de Índias, de Madri; Diário do Alentejo, de Beja; Revista Vértice, de Coimbra; Semanário Acção, Boletim da Academia de Ciências de Lisboa, Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, Brotéria, Descobrimento, Diário da Manhã, Diário de Lisboa, Diário de Notícias, Diário Nacional, Diário Popular, Douro Litoral, Novidades, Revista Ocidente, Petrus Nonius, O Século, A Voz, de Lisboa; Revista de Etnografia, do Porto; O Comércio de Póvoa do Varzim e a Revista de Ourivesaria, de Portugal.

A bibliografia cascudiana, diante dos múltiplos assuntos pesquisados, coletados, sistematizados, analisados, comparados, comentados, traduzidos pelo maior escritor norte-rio-grandense, torna-se difícil de ser classificada, completamente. A cada dia vão surgindo novas informações e com as descobertas, outros campos do conhecimento que são incorporados aos já tradicionais, como cronista, historiador, memorialista, biógrafo, antropólogo, folclorista, crítico literário, antologista, etnógrafo, missivista, musicólogo, tradutor, romancista, sociólogo, ensaísta, prefaciador, poeta.

Câmara Cascudo estudou Humanidades no Atheneu Norte-rio-grandense, medicina, na Bahia e no Rio de Janeiro, e conclui o Curso de Direito, no Recife, em 1928. Além do Jornalismo, foi Professor de História do Brasil no Atheneu Norte-rio-grandense, na Escola Normal e no Instituto de

Música, e de Etnografia Geral na Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Norte, aposentando-se como professor de Direito Internacional da Faculdade de Direito da UFRN, da qual recebeu os títulos de "Professor Emérito", em 1966 e "Doutor Honoris Causa", em 1978. Pertenceu a quase todas as associações culturais e científicas nacionais e internacionais, das quais recebeu condecorações, honrarias, título honoríficos, prêmios como "João Ribeiro" e "Machado de Assis" da Academia Brasileira de Letras, o Troféu "Juca Pato", o "Prêmio Henning Albert Boilesen" e as medalhas do Mérito Militar, Naval, do Atlântico Sul (Aeronáutica), da Ordem de Cristo (Portugal), da Ordem de Cisneiros (Espanha), da Ordem de São Gregório Magno (Santa Sé), e já mereceu quatro semanas de estudos: "A Vida e a Obra de Câmara Cascudo", promovida pelo IHGRN, em 1966; "I Painel sobre a Vida e a Obra de Câmara Cascudo", em Brasília, em 1978, e duas semanas universitárias promovidas pelo Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1996 e 1998.

Câmara Cascudo, filho de um século, século da cultura norte-rio-grandense, é o maior símbolo da Cultura Brasileira, que o Rio Grande do Norte mereceu como filho e, na passagem do Centenário de Nascimento, rende tributos de profunda admiração à sua intelectualidade.

Natal/RN, 30 de dezembro de 1998

Francisco Fernandes Marinho

CASCUDO, UM INTELECTUAL REGIONAL[1]

Thadeu de Sousa Brandão[2]

"Luís da Câmara Cascudo
inteirinho da cabeça aos pés, corpo e
alma de Natal, Rio Grande do Norte.
Eu Brasil, nós Brasil, Brasil, Brasil."

Mário de Andrade

Introdução

Uma questão sempre discutida ao se tratar de Luís da Câmara Cascudo e sua obra é quando se tenta localizar a sua posição no cenário intelectual brasileiro. Que lugar ocupa Cascudo neste painel, que desde a formação do Estado-Nação Brasil, tende a assumir um caráter de unificação em torno de centros e/ou de regiões que dominaram ou dominam o cenário intelectual nacional? Esta dominação, que sempre ocorreu com maior ou menor amplitude, fez com que os modelos de interpretação e análises da sociedade brasileira, tendessem a ser imitadas destes centros, sendo que, estes mesmos modelos, já o eram também, imitações ou importações de modelos já institucionalizados na Europa e

---

[1] Artigo escrito por ocasião dos cem anos de nascimento de Luís da Câmara Cascudo, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lina Leão Teixeira.

[2] Estudante do 6º período da Graduação do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e membro da Base de Pesquisa Sociabilidade e Desenvolvimento Social.

nos países centrais. Ora, o modelo de compreensão utilizado pelos intelectuais brasileiros se não totalmente, eram moldados por um tipo de racionalidade científica importada. É a partir destes parâmetros que tentaremos compreender que papel Luís Câmara Cascudo ocupa, no cenário intelectual nacional, para que, compreendido o seu lugar, possamos entendê-lo um pouco melhor.

Os Intelectuais Regionais

Esse padrão institucionalizado, fortemente calcado na universidade e em seu poder de produzir um saber relativamente autônomo em relação à prática existente, fizeram com que a natureza do processo de desenvolvimento brasileiro e a relação entre o conhecimento científico se dessem a partir de um dilema: uma clivagem que separou em diferentes contextos institucionais uma diferenciação regional das Ciências Sociais e dos seus intelectuais.

Segundo Luís Rodolfo Vilhena, um exemplo claro dessa diferenciação se deu, a partir da década de 40 com o chamado Movimento Folclórico, "Movimento na medida em que, mais do que um conjunto de trabalhos e teorias produzido por um grupo de pesquisadores dedicados ao campo dos estudos de folclore, o que marcou a sua participação naquele contexto foi uma imensa mobilização em torno desta área de estudos. Resumindo seus objetivos básicos, poderíamos dizer que seu programa comum se reduziria a três pontos: desenvolvimento do estudo e da pesquisa do folclore nacional; apoio aos esforços para a preservação de nossa herança folclórica; e introdução do tema no ensino formal, definido como um mecanismo que

permitiria preservar a identidade cultural comum da nação, expressa de forma privilegiada por aquela herança" (Vilhena: 1996; p.126). O que mais se apresenta de significativo nesse movimento é a tentativa de um grupo de intelectuais, cada um de uma região diferente, de organizar uma espécie de rede nacional que unificassem os vários estudiosos que se encontravam isolados em seus rincões natais. Esses homens eram intelectuais polivalentes, exercendo ao mesmo tempo diferentes atividades no ensino, como profissionais liberais, no jornalismo, no funcionalismo público, etc. O movimento era principalmente uma convocação para que os estudos de folclore, que eram apenas uma das suas áreas de interesse intelectual, passassem a definir prioritariamente sua identidade.

Essa busca de identidade vai galgar não apenas os estudiosos de folclore, como também, todos aqueles que de um modo ou de outro, se voltavam para o estudo de tradições populares. Era preciso consolidar as condições para que esses estudos se tornassem uma especialidade intelectual, como uma disciplina autônoma.

Esses intelectuais acreditavam que a "brasilidade" que buscavam em suas pesquisas, concentradas em particular nos hábitos e costumes estudados, também se refletia na cordialidade, na comunidade de valores e na integração das diversidades regionais que presidia a interação entre os participantes desses movimentos.

Essas posições, metodológicas e teóricas desses movimentos, principalmente o movimento folclórico[3], foram

---

[3] Ver in: VILHENA, Luís Rodolfo. Os Intelectuais Regionais: Os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais nos anos 50. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. No 32, ano 11, 1996. P. 125-149.

largamente criticadas pelos representantes c
academicamente orientada, que emergia nesse p
responsável pela definição do padrão de atividа
que presidiria a nova face de institucionalizaçãc
Sociais, iniciada no final da década de 60, com
novos programas de pós-graduação em São Pau
Janeiro e em Brasília[4].

Na periferia, ou seja nas regiões afa
centros, os antigos participantes do movimen
catedráticos de cadeiras de antropologia nas F
Filosofia do interior graças à relação de certa
que eles mantinham com a antropologia, em cor
seus conflitos com os sociólogos, em parti
principal representante da ciência social
Florestan Fernandes[5].

Assim, em vez de se consolidar a i
estudioso polivalente como uma especialidade i
Ciências Sociais, eles passam a sofrer uma evid
de deterioração. Esse tipo de estudioso se to
Brasil, o paradigma de um intelectual não acad
por uma relação romântica a seu objeto, que esti
de um colecionismo descontrolado e de
empiricista.

O mesmo esforço em conciliar o naciona
e garantir uma especificidade a este último, s
sacrificar a unidade do primeiro, transparece
proposições produzidas por participantes

---

[4] Idem. p. 128.

[5] Ver in: CAVALCANTI, Maria Laura V. de C, V
Rodolfo. Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a ma
Estudos de Folclore". In: Estudos Históricos 3, 5: p. 75-9

intelectualidade das regiões externas ao eixo central (Rio-São Paulo).

Algumas características básicas destes autores são importantes, dentre as quais, destacam-se: as visões de conjunto são raras; quase não há uma dialética entre o nacional e o regional e quando esta aparece, ela não é explorada sistematicamente. Essa aparece como um pressuposto implícito que dá sentido a um projeto de pesquisa, ao invés de aparecerem como resultado de suas próprias pesquisas.

O que esses movimentos nos mostra é uma relação de duas vertentes: a de um conjunto de atores sociais que, a partir de um certo *ethos* e visão de mundo (no caso, incluindo essa definição das relações entre a diversidade regional e a unidade nacional), buscam a implementação de seus objetivos, onde o "campo das possibilidades" em que se encontram determina em parte suas motivações e valores e também fornece as potencialidades que eles procuram explorar formulando o seu projeto.

Esse projeto redundou, sistematicamente, na busca de uma identidade nacional pautada, como já ressaltei anteriormente, em uma visão objetiva e pautada nos cânones da ciência ocidental. A busca dessa identidade, toma fôlego com a hipótese formulada por Sílvio Romero acerca de um caráter nacional brasileiro, que, visto por ele como ainda indefinido, mas em processo de resolução na medida em que avançasse a mistura racial , teve diversos desdobramentos, alguns até mais "otimistas" que os de seu formulador original, como por exemplo Nina Rodrigues e posteriormente, Gilberto Freire e Sérgio Buarque de Holanda.

Para nossos autores (os "intelectuais regionais"), a constituição da nacionalidade está "em processo", e esse

devir inevitável deve ser vigiado para que não perca seu caráter "natural". Além disso, se reconhece a inevitabilidade de cada dissonâncias que persistirão sob a unidade nacional básica que se almejava preservar: a que opõe as regiões e a que opõe "povo" e "elite".[6]

Na questão metodológica, uma das grandes características desses autores, é que, não há um deles que não tenha um texto no qual, numa evocação de um discurso, abrindo ou concluindo um artigo, não tenha lançado mão de uma referência saudosa a fatos folclóricos ou pitorescos que teriam presenciado em sua infância, em sua cidade de origem, na fazenda em que passava as férias. Isso cria um efeito já muito ao gosto do ethos desses intelectuais: através de uma imprecisão literariamente trabalhada se confundem passado e presente, experiência individual e coletiva, sujeito e objeto.[7]

Cascudo em branco e preto

Luís da Câmara Cascudo, nascido aos 30 de dezembro de 1898, era filho de uma família tradicional da cidade de Natal, capital do pequeno estado nordestino do Rio Grande do Norte. Cursou medicina na Bahia e no Rio de Janeiro, onde só foi até o 4º ano, quando abandonou a carreira, por motivos pessoais e econômicos. Ingressou então, na

---

[6] Ver in: ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira & Identidade Nacional. 5ª Ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

[7] Ver in: VILHENA, Luís Rodolfo. Os Intelectuais Regionais: Os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais nos anos 50. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Nº 32, ano 11, 1996. p. 125-149.

Faculdade de Direito do Recife, onde graduou-se em 1928. Basicamente, produziu seus trabalhos no longo período de 1918 a 1981.

Começou como jornalista, onde iniciou no Jornal "A IMPRENSA", publicando críticas literárias, jornal que, inclusive, de propriedade de Seu pai, o Coronel Cascudo. Era colaborador de vários jornais de Natal, sendo na época o que hoje denomina-se, "articulista". Nesses jornais, manteve secções diárias, onde posteriormente, "estas secções seriam os germes de quase todos os seus livros, de sua obra de historiador, folclorista e antropólogo" (GICO:1996; p.35). Colaborou em jornais das capitais brasileiras como o carioca "Diário de Notícias", e o paulista "O Estado de São Paulo", com artigos girando em torno de assuntos etnográficos e folclóricos. Participou também de vários jornais e revistas estrangeiros, estas últimas, sejam culturais, históricas, geográficas, de antropologia ou literárias. Em 1921 publica seu primeiro livro: uma crítica literária denominada Alma Patrícia. Estima-se que tenha escrito mais de 150 títulos, alguns desses com várias reedições.

Ocupou cargos no Governo Estadual como burocrata especializado trabalhando inclusive como Consultor Jurídico. Era professor de História do Colégio Atheneu, e por encomenda do governo, escreveu vários livros sobre esse assunto, pelo qual ficou mais conhecido pelos seus conterrâneos.

Cascudo era, o que poderíamos chamar, de um homem plural. Sua formação, "generalizada, desordenada e assistemática", produziu um tipo de intelectual que aparecia em vários locais do Brasil. Leitor havido e voraz, poliglota e com facilidade para conseguir livros, ele estava preparado para as discussões que iria participar posteriormente.

Participou, ativamente, da Sociedade Brasileira de Folclore, sendo o seu fundador (1941) e o seu primeiro presidente em sua secção regional (Natal). Assim como os seus colegas em outras regiões "criou esta sociedade dedicada ao estudo das 'coisas populares' por vir pesquisando sistematicamente a poesia, o canto e os costumes do Nordeste" (GICO:1996; p.37). Era também membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras a qual ajudou a fundar.

Enfim, Cascudo era um intelectual brasileiro do seu tempo. Um homem de província, hibernando com seus livros, um verdadeiro "pesquisador de gabinete". Fortemente ligado a sua origem e ao seu povo. Luís da Câmara Cascudo era efetivamente, um *tipo-ideal* do que traçamos na primeira parte deste capítulo.

Portanto também podemos caracterizar Cascudo nesse amplo quadro traçado anteriormente. Assim como os demais intelectuais, ele se via amarrado ao seu *locus vivendi* e percebia que a legitimidade de seus trabalhos, a partir dali, teria de ser algo institucionalizado. Mas, o que caracterizava mais ainda Cascudo com seus colegas de outras regiões era a busca de uma brasilidade nacional, ou seja, a constante busca de uma identidade nacional comum.

Cascudo, assim como tantos outros intelectuais, sofria por parte da então intelectualidade que se formava, principalmente na então inicialmente fundada Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a UFRN, no final da década de 50, uma espécie de preconceito acadêmico e metodológico, onde seus estudos eram tidos como conservadores e destituídos de método e crítica. E também, assim como seus outros colegas de outras regiões, Cascudo

não era um especialista. Num tempo onde o campo intelectual mal começava seu processo de estruturação, se tornava mais difícil uma dedicação especializada. Cascudo rondava, também, tanto pelo jornalismo, como pela docência e pela política, cultivando uma produção intelectual intermitante nos mais diversos campos.

A então "mentalidade acadêmica" que estava se formando, não conseguia admitir o tipo de pesquisa, que o autodidatismo e a independência em suas conceituações específicas que era uma marca tanto de Cascudo, como dos demais "intelectuais regionais", preponderassem e recebecem o *status* de legítima. Esse tipo de intelectual, pela chegada da Universidade aos centros regionais, estava chegando ao fim. Era então inconcebível para a Academia, principalmente no campo da então nascente, Ciências Sociais brasileira, que precisava e, ansiava por uma legitimação institucional.

Assim, os novos expoentes da pesquisa social, passam a caracterizar esses intelectuais de prolixos e não-cientistas, e de meros colecionadores de dados. Não se levou em conta nem o modo como estes intelectuais se formaram e, o pior, nem como se deu a conjuntura para que eles adotassem esse tipo de atitude em relação à pesquisa social nascente.

Nesse período anterior à afirmação da Universidade, não apenas o espaço para a atividade intelectual era necessariamente mais reduzido, como a própria elite local era menor, tornando mais estreitas as conexões pessoais entre seus membros e diminuindo a autonomia entre o campo intelectual e o político em comparação com a observada nos grandes centros. Também podemos destacar que esses intelectuais eram em gerais funcionários público, onde este setor se tornava a principal fonte de trabalho, e como atestou

Renato Ortiz, eram também seu principal mercado consumidor[8].

Isto posto, a alcunha de "intelectual regional" à Cascudo, não parece desprovida de sentido. Os Institutos Históricos e as Academias de Letras locais permaneceram como referências básicas no plano institucional, nessas regiões. Cascudo encontrava nessas instituições o refúgio e a indentificação que ele não tinha com a Universidade, ou seja, uma identificação que ele não possuía com uma instituição que se moldava conformes modelos centrais. Sua característica, já ressaltada, de um não especialista, fazia com que ele se sentisse alheio dentro do templo da racionalidade e da especialização ocidental. Essa conduta, modeladora dos atuais cientistas sociais brasileiros, também aqueles que se lançam aos estudos de folclore e à etnografia e a antropologia, fez com que a especialização, finalmente, tomasse conta das Universidades brasileiras como um todo e levasse à extinção o intelectual regional.

Mas, a contribuição desses intelectuais é algo ainda forte nas Ciências Sociais. Sejam os que são reconhecidos nacionalmente, como Gilberto Freire e Sérgio Buarque, ou apenas regionalmente (considerando uma utilização ampla em trabalhos atuais) como Cascudo, sua importância é incontestável.

A categorização de Cascudo como um Intelectual Regional, ajuda-nos a perceber que, longe de ser um ser de outro mundo, Luís da Câmara Cascudo era um homem de seu tempo, que semelhantemente a vários outros, contribuiu para a solidificação do estudo dos costumes regionais e nacionais

---

[8] Ver in: ORTIZ, Renato. A Moderna Tradição Brasileira. São Paulo; Brasiliense, 1996.

e, principalmente, a perceber a necessidade da compreensão de um Caráter Nacional brasileiro, que com sua própria diversidade, ajudou e continua a contribuir no melhor entendimento sobre povo brasileiro.

Homem da província, ao mesmo tempo, o cosmopolita das mais diversas latitudes do espírito humano, Cascudo levava a sua província com ele para onde quer que fosse, seja em suas viagens ou pesquisas, ou em sua imaginação. Dentro de seu encerramento solitário, no seu ascetismo, na sua paixão pelo silêncio, ele foi construindo paulatinamente os alicerces para o seu contigente e polivalente trabalho. Ali, ele escreveu o que muitos só foram capazes de escrever nas grandes Universidades, em vultuosas bibliotecas, com uma equipe de auxiliares (como ainda hoje...).

Sua universalidade, típica desses intelectuais regionais, deu ao estudo dos costumes, tradição e folclore no Rio Grande do Norte, uma antecipação, que o projetou para o mundo. Os métodos científicos de pesquisa, a investigação sistemática, o saber desinteressado, a preocupação da legitimação do saber, tudo isso faz com que "o solitário da Tavares de Lira" se enquadre no rol dos Intelectuais Regionais.

BIBLIOGRAFIA

CAVALCANTI, Maria Laura V. de C, VILHENA, Luís Rodolfo. Traçando Fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização dos Estudos de Folclore". In: Estudos Históricos 3, 5: p. 75-92.

GICO, Vânia. Luís da Câmara Cascudo: Bibliografia Comentada 1968/1995. Natal, EDUFRN, 1996.

ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira & Identidade Nacional. 5ª Ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

_____. A Moderna Tradição Brasileira. São Paulo; Brasiliense, 1996.

VILHENA, Luís Rodolfo Os Intelectuais Regionais Os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais nos anos 50 In Revista Brasileira de Ciências Sociais No 32, ano 11, 1996 P 125-149